

Um inseto chamado esperança

jair

Uma, duas, três gotas de adoçante são diluídas no líquido quente, de onde escapa uma tênue fumaça que dispersa no ar, também quente, da manhã da segunda-feira. O sorver é comedido, as mãos trêmulas e de tez desgastada tenta repousar a xícara de metal polido e de alça grosseiramente soldada, o olhar horizontal cata as folhas semi-secas das mangueiras enfileiradas ao longo da praça, encharcada pela chuva da madrugada.

O velho parece inebriar a alma com o hálito adocicado do solo molhado ao tempo em que observa uma pequena esperança debatendo-se entre formigas sôfregas e famintas, que a cada segundo arrancam um naco da sua incipiente vida: as patas, as asas, as antenas, os olhos. O inseto esvai-se lentamente, ora paira altivo, ora debate-se desesperadamente, ora resigna-se ante à força do destino.

Mergulhado no seu pequeníssimo mundo, o velho senhor, impávido, apenas contempla a cena presente. Alguém lhe disse certa vez que tudo é assim mesmo, ele não lembra direito quem foi, mas pronuncia a frase, mentalmente, diversas vezes: Tudo é assim mesmo, tudo é assim mesmo, tudo é assim mesmo...

Prosternado na sua velha cadeira de balanço, ele adormece com a frágil brisa do litoral da pequena baía que, soprando quente e úmida, acarinha seu rosto e dissipa a fumaça da xícara de café que ele ainda não sorveu.

Talvez ele acorde da sua pequena epopéia, talvez não, talvez sonhe com o inseto e a sua trajetória final debaixo de uma copa de árvore frutífera, talvez sonhe apenas com a transitoriedade da vida, ou quiçá não sonhe com nada, somente durma e pronto até o escurecer, quando acordará na penumbra, testemunhando as estrelas grandes e pequenas que simplesmente pairam no céu.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/um-inseto-chamado-esperanca>